

JOSÉ DE SOUZA MARTINS E O PENSAMENTO DIFERENCIAL***JOSÉ DE SOUZA MARTINS AND DIFFERENCIAL THINKING***

Paulo Menezes

Universidade de São Paulo

Ingressei no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) em 1978. Desde minhas primeiras aulas, nas matérias básicas do curso, ouvia falar de um tal de Martins que, havia anos, tinha sido o professor das aulas expositivas dos cursos iniciais de sociologia, deixando a outros professores mais novos a condução e discussão dos seminários. Esta era uma forma de dar aula ainda utilizada pela antropologia e pela ciência política e não mais pela sociologia. Mas, mesmo assim, a fama do Martins o precedia, a de ser professor de um curso exigente nos horários e nas leituras – um livro por semana, em média –, deixando os alunos curiosos e apreensivos quanto ao momento em que poderiam se inscrever na optativa oferecida por ele – momento este que se daria somente depois de cumpridos os pré-requisitos nas três áreas, lá pelo início do terceiro ano do curso.

Ao mesmo tempo, causava estranheza, numa escola hierarquizada como era, e ainda é, a USP, um professor em tal estágio de carreira ainda ser “apenas” um doutor, enquanto colegas formados na mesma época já eram livre-docentes ou titulares. É evidente que os significados disto eram muito diferentes então do que seriam hoje, quando vivemos sob o peso da correria acadêmica, desde o encurtamento do prazo de realização das dissertações e teses à premência de avaliações de desempenho acadêmico medido por produtividade quantitativa, que raras vezes não termina em um produtivismo irremediável.

Isto, é claro, não se aplicava ao Martins, que sempre escreveu exaustivamente, e é detentor, até hoje, se não me falha a memória, e sem querer ser injusto com outros colegas, da mais extensa obra em Ciências Sociais da universidade brasileira, na geração seguinte àquela

de referências como Florestan Fernandes e Octavio Ianni.

Quando finalmente pude me inscrever em sua optativa, em 1980, tomei contato com o outro lado do escritor, o professor. A disciplina chamava-se Sociologia da Sociedade Agrária, ainda que o tratamento se aproximasse mais de uma sociologia do mundo rural. Já havia lido, antes disso, um pequeno livro fortemente sugestivo que se chama *Sobre o Modo Capitalista de Pensar*. Seu primeiro capítulo, “Tio Patinhas no Centro do Universo”, é uma reflexão crítica sobre o universo e os personagens da estória em quadrinhos de Walt Disney, a partir de suas relações com a questão do fetichismo da mercadoria e do processo de reprodução do capital. Ensaio brilhante, ele ressalta o que depois se poderia ver nos cursos, e que começava a ser gestado desde então, que, em suas próprias palavras, “o modo capitalista de produção, na acepção clássica, é também modo capitalista de pensar e deste não se separa” (Martins, 1978, p. xi), aprofundando as reflexões de Ariel Dorfman sobre o tema.

Esta forma interessante e inovadora de pensar os problemas rebateu-se na disciplina em questão, pois, apesar de vivermos numa época em que o marxismo era moeda corrente no pensamento sociológico, não era propriamente comum vê-lo associado à outras obras e autores clássicos e contemporâneos da sociologia e do pensamento social, em um diálogo criativo e, portanto, não dogmático da teoria marxiana a propósito de seus limites e desdobramentos.

Essa perspectiva ficou ainda mais clara na disciplina que cursei no semestre seguinte, já fora dos “temas clássicos” da sociologia – muitas vezes uma camisa de força contra a inovação e o pensamento diferencial –, e que se chamava Sociologia da Vida Cotidiana. Ali, novamente contra a corrente predominante em cursos de filiação marxista, que tradicionalmente iam de Marx a Marx passando por outros marxistas, a contraposição e complementaridade de autores que poderiam ser filiados à tradição marxiana, independente de suas peculiaridades, como Agnes Heller, Henri Lefebvre e Karel Kosik, se dava pela análise crítica dos autores etnometodológicos, como Erving Goffman e Harold Garfinkel – este último, nunca mais visto por mim em nenhum outro curso de sociologia, me marcou profundamente por sua análise das teorias e pela investigação empírica de reconstituição das estruturas mais tradicionais e conservadoras a partir de momentos de desestruturação social, na contramão daqueles que achavam que da desestruturação viria naturalmente a revolução, socialista ou

comunista.

Neste ponto emerge, creio eu, o que há de mais peculiar no pensamento de José de Souza Martins: se, parafraseando-o, o modo capitalista de produção enseja um modo capitalista de pensar, o que mais se aprendia nas disciplinas por ele ministradas não era a filiação ou a inserção em uma forma definida de ver o mundo, marxista ou não, mas uma forma de refletir sobre o pensamento, aprendendo a compreender como teorias, e entre elas as clássicas do pensamento social, Durkheim, Weber e Marx, constroem o mundo, e portanto seus objetos de análise, mediante formas de pensamento e articulações teóricas que podem guardar imensas distâncias em relação às suas proposições analíticas e políticas mais expressas. Nessa direção, ao invés de vermos como determinadas proposições foram feitas por Marx e outros para fenômenos sociais de sua época, e de tentarmos aplicá-las a uma realidade social tão distinta como a brasileira – costume perverso da época e, por que não dizer, de alguns autores até hoje –, o que se empreendia era a tentativa de fazer os alunos perceberem que uma outra realidade social exige novas proposições, que podem surgir do exercício de pensar esta nova realidade a partir do modo pelo qual Marx concebia sua interpretação de mundo, de maneira dialética, tentando reincorporar novas dimensões de pensamento na análise de uma realidade muito diferente daquela enfrentada por Marx no final do século XIX. Não significa, portanto, dizer que as propostas de Marx foram superadas pelo tempo, como faziam seus ferozes críticos, mas recuperar “a forma marxiana de pensar” para, diante de novos problemas, conseguir propor formas inovadoras de superação que não a repetição de velhas fórmulas e proposições políticas de aplicação imediata, como acontece com frequência em um marxismo pouco criativo.

Daí Martins poder fazer frente ao desafio de investigar a sociedade rural brasileira, enquanto o marxismo tradicional a olhava como restos de um passado a ser superado e voltava-se, quase que exclusivamente, para o mundo operário do capitalismo industrial – lugar onde deveria ter-se gestado a nossa classe operária, sujeito histórico ainda incompreensivelmente dormente. Essa forma inovadora de pensar os problemas e, por conseguinte, de recortar os objetos e interpretar o mundo, faz-se notar em muitos de seus escritos, como o livro sobre Matarazzo ou aquele dedicado à aparição do demônio na fábrica. Assim, a seu modo, Martins parecia

realizar aquilo que Weber concebeu como o papel do professor em contraposição ao caudilho: não dizer quais são os caminhos a serem seguidos, mas mostrar as várias opções possíveis para que os alunos, a partir de sua própria escala de valores, possam escolher o caminho que mais afeito a ela se mostrar. No tocante ao pensamento, não reatualizar antigas proposições na tentativa de readaptá-las a novas situações, mas pensar dialeticamente as novas realidades e, a partir daí, pensar novas proposições para um mundo social que não cansa de se modificar e diversificar.

A isso se somam uma clareza e organização expositiva que se expressavam em aulas fascinantes. As aulas de Martins eram sempre extremamente sugestivas, instigantes, das quais saíamos sempre tomados por aquele cansaço gostoso de termos saído diferentes de quando entramos, cada vez com mais perguntas na cabeça, com mais coisas para ler, com mais vontade de aprender, com mais vontade de nos transformarmos, no futuro, em pesquisadores e professores.

Martins talvez não saiba, mas foi ele, juntamente com dois outros colegas, Irene Cardoso e José Carlos Bruni, que me estimulou, sem falar nada, a mudar radicalmente de área de estudo quando ingressei na pós-graduação, em 1982, logo após me formar e, seis meses depois, quando fui selecionado no concurso e me tornei professor do então Departamento de Ciências Sociais, depois Departamento de Sociologia da FFLCH-USP. Ingressei na pós com um projeto sobre Sociologia da Família..., mas, no final do ano de 1982, essa proposta já havia se transformado em um projeto sobre artes plásticas e modernismo, o que foi germinal para o curso de Sociologia da Arte: Pintura e Cinema que passei a ministrar no Departamento, a partir de 1986. Por esse motivo, foi com imensa satisfação que vi Martins iniciar o curso de Sociologia Visual, no final dos anos 1990, direcionado para o estudo da fotografia como objeto sociológico, mais uma vez aprofundando os estudos em áreas externas ao *mainstream* da reflexão sociológica no Brasil, transformando-se também num fotógrafo afiado, como se pode perceber nas inúmeras fotografias com que ele nos brinda, de tempos em tempos.

Por fim, este tipo de pensamento diferencial que Martins apresenta, e que ensinou aos seus alunos, não é passível de criar séquito e seguidores, como outros autores atuais das Ciências Sociais, mas, sim, de criar pensadores e pesquisadores que podem, como Foucault, pensar diferentemente em meio ao sempre visto.

Referência

MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo capitalista de pensar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

Recebido em 10/09/2013

Aprovado em 20/09/2013

